



EVENTO: REVISTA ANALISA CASOS DE PAUTA
SUBVERSIVA

VEÍCULO: O ESTADO DE S. PAULO

DATA: 18.01.97

PÁGINA: D3

SEÇÃO: CADERNO 2



Revista analisa casos de pauta subversiva

A 'Classic CD' inglesa revela os horrores sofridos por compositores banidos de seus países

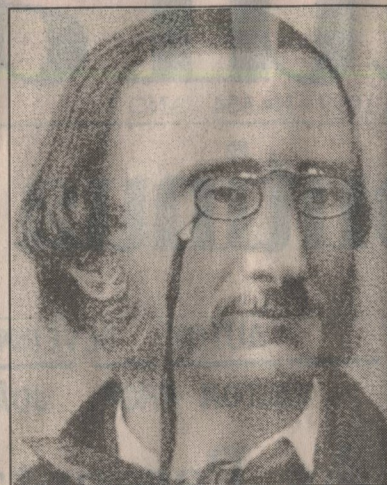
SÉRGIO AUGUSTO
Especial

A música, já disse Millôr Fernandes, é a única arte que nos ataca pelas costas. Cinema, teatro, balé, literatura e artes plásticas precisam de nossa atenção; a música, não: ela é traiçoeira, invasiva. E, por vezes, incontrolável: a qualquer momento podemos ser surpreendidos pelo som de rádios, discos e alto-falantes. Em compensação, ela é a mais pura das artes: uma forma de expressão abstrata — "a música só expressa a si própria", dizia Stravinski — que só se torna discursiva, como as demais, quando lhe acrescentam palavras.

Como, então, explicar que compositores clássicos de diferentes períodos tenham sido censurados e acusados de subversivos?

Bem, o ouvido também tem razões que a própria razão desconhece. Justamente por ser abstrata, a música se abre a infinitas e insondáveis interpretações subjetivas — todas, em princípio, válidas e respeitáveis. E, assim sendo, qualquer tema musical está sujeito a ser tomado como uma afronta.

Platão foi o primeiro a notar a natureza perturbadora da música, eventualmente perigosa até para a segurança do Estado, segundo o filósofo. Embora nem os hinos nem as canções de protesto mais incandescentes consigam desestabilizar



Mendelssohn, Offenbach e Mahler (da esq. para a dir.): obras banidas da Alemanha entre 1933 e 1945

regimes e derrubar governantes, o exagero platônico encontrou eco na mente de vários paranóicos.

Perseguidores — Hitler foi um deles. Stalin, idem. O que ambos e similares fizeram contra músicos eruditos é o tema da reportagem de capa (*A Música Que Eles Não Queriam Que Você Escutasse*) da revista inglesa *Classic CD* de janeiro, à venda nas melhores bancas da cidade. No CD, que mensalmente acompanha a publicação, trechos de algumas obras perseguidas e banidas, assinadas pelo alemão Hanns Eisler, os austríacos Erich Wolfgang Korngold e Ernst Krenek, o russo Alexander Mosolov e o checo Pavel Haas, escoltam uma velha canção de cabaré de Mischa Spolianski exaltando o lesbianismo, lançada por Margo Lion e Marlene Dietrich em 1928 e regravação por Ute Lemper.

A história da "música banida" não começa, evidentemente, neste

século nem tem como seus únicos vilões as autoridades do poder laico. Em meados do século 16, os cardeais e arcebispos reunidos no Concílio de Trento acrescentaram a proscrição de músicas sacras polifônicas ao seu programa de reformas na Igreja. Fomos salvos pelas persuasivas composições litúrgicas de Palestrina. No lado oposto, também prevaleceu a intolerância. William Byrd sofreu pressões na Inglaterra pós-reforma por fazer música para a Igreja Católica.

Nos períodos barroco e clássico, quanto mais fiéis às questões estilísticas sacralizadas pela aristocracia, menos sujeitos à censura

os compositores ficavam. Mozart preferiu a infidelidade, compondo clandestinamente para os maçônicos, satirizando a nobreza em *As Bodas de Fígaro* (ópera composta quando a peça de Beaumarchais,

base do libreto, estava proibida em Viena), incluindo um viva à liberdade no primeiro final de *Don Giovanni* e enchendo *A Flauta Mágica* de innuendos políticos. Beethoven concluiu a ópera *Fidélio* com um grito à liberdade mais incisivo que o da *Nona Sinfonia*.

Mozart e Beethoven foram exceções. A norma era a submissão, o acochamboamento. Por pressão das censuras napolitana e romana, a ópera *Um Baile*

de *Máscara*, de Verdi, teve seu argumento radicalmente alterado. O entretido original de Eugène Scribe girava em torno do assassinato do rei Gustavo III, da Suécia. Antes de subir à cena, em 1859, com libreto de Antonio Somma, o rei sueco virou conde e governador... de Massachusetts. Por falar em Scribe, era de sua autoria o libreto de uma ópera composta por Daniel-François-Esprit Auber, *A Muda de Portici*, caso único de subversão conseqüente, já que sua encenação em Bruxelas, em 1830, foi o estopim de uma revolta anti-holandesa, que, afinal, redundou na independência da Bélgica.

Século violento — Os casos de censura e perseguição a músicas e compositores deste século superaram em muito os dos séculos anteriores. Em quantidade e violência. Durante a 1ª Guerra Mundial, os ingleses baniram da Grã-Bretanha a música de Richard Strauss, e os alemães, por sua vez, proibiram em seus teatros obras inglesas e francesas. Na década de 30, as trevas baixaram sobre a União Soviética, a Alemanha nazista, a Itália e a Espanha, com reflexos na Polônia, Checoslováquia e Hungria.

Stalin deu um basta ao experimentalismo, pavimentando a via-crúcis de autores modernistas (ou assim rotulados por Jdanov, o plenipotenciário ministro da Cultura soviético), como Prokofiev, Shostakovich, Katchaturian, Mossolov (preso e condenado a trabalhos forçados por fazer "campanha anti-soviética" em sua obra) e Nicolai Roslavetz (que acabou trocando o atonalismo pela música ligeira). A *Oitava Sinfonia*, de Shosta-

kovich, e a *Sexta*, de Prokofiev, foram sumariamente removidas do repertório das salas de concerto russas e apenas liberadas após a morte de Stalin. Para não perverter sua música, muitos se exilaram.

3º Reich — A barra pesou mais ainda no 3º Reich. Além da aversão oficial ao modernismo e à maioria dos compositores que se destacaram na República de Weimar, o anti-semitismo vigente ceifou a carreira, quando não a própria vida, de inúmeros músicos de origem judaica. Entre 1933 e 1945, a música de Mahler, Offenbach e Mendelssohn esteve banida da Alemanha. Oratórios de Haendel e libretos de óperas de Mozart foram "retraduzidos" para melhor se ajustar ao espírito nacional-socialista. Arnold Schoenberg, Kurt Weill, Hans Eisler, Korngold, Hindemith, Krenek e outros se mandaram quando Hitler assumiu o poder. Muitos dos que ficaram, nem todos alemães, terminaram seus dias em Auschwitz.

O checo Pavel Haas, aluno de Janacek, foi um deles. A sinfonia que compôs entre uma e outra sessão de tortura — incluída no CD — é uma das mais contundentes rejeições musicais à barbárie nazista. Outro confinado a um campo de concentração, o checo Erwin Schulhoff, além de judeu era comunista — e tão engajado que chegou a pôr música no *Manifesto Comunista*.

Hitler, Stalin e cia. desapareceram; a música de suas vítimas ficou e pode ser ouvida até em CD de revista. Sic transit gloria mundi.

**PUBLICAÇÃO
TRAZ CD
COM TRECHOS
DE OBRAS
PERSEGUIDAS
POR VÁRIOS
GOVERNANTES**